

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 254/2013

O ORIENTE

A História da Civilização que se ensinava no meu tempo de colégio era a História da Europa e da América, isto é, a História Ocidental, a começar pela antiguidade greco-romana. Alguma coisa era ensinada sobre o Oriente Médio muito antigo, das primeiras civilizações mesopotâmicas, da Pérsia e do Egito, só. China, Japão, Índia, Indonésia, Sudeste Asiático, metade do mundo ou mais, era completamente ignorada. Bem mais que metade, se considerarmos que toda a África subsaariana também não existia senão como fonte de fornecimento de escravos. Não sei se isso mudou mas se houve mudança com certeza foi discreta.

Natural que fosse essa a visão da nossa cultura, tendo em vista, de um lado, a precariedade das comunicações ocidente-oriente até o meu tempo escolar e, de outro, a hegemonia econômica, militar e cultural que o Ocidente desenvolveu a partir do Renascimento e se manteve indiscutível até a virada deste novo milênio. Parece que há um orgulho essencial do ser humano que sempre considera bárbaros os povos de outras culturas.

A partir desta virada dos dois mil, a balança do mundo começa a mudar. Já no fim dos mil e novecentos, Japão e os Tigres Asiáticos começaram a merecer uma consideração mais séria por parte do Ocidente. Nos anos correntes, China, Coreia, Índia e Indonésia crescem com tal intensidade em todos os setores que o Oriente parece retomar o lugar que teve em tempos passados e abalar a hegemonia absoluta do Ocidente.

A secular falta de referência histórica e mesmo de comunicação midiática não só fez de nós, ocidentais, ignorantes da realidade oriental como, também, muito mais que isso, engessou nossas mentes nos valores da nossa cultura, dificultando enormemente, a nossa compreensão do funcionamento e da filosofia daquelas civilizações orientais. Efetivamente, nós não sabemos nada da China, do Sudeste Asiático, da Indonésia, do Irã, do mundo árabe, da Coreia do Norte. Sabemos um pouco do Japão, que aliás se ocidentalizou bastante, por causa da ocupação americana; e um pouco da Índia por ter sido a jóia do Império Britânico.

O que se passa realmente na Coreia do Norte? Será um caso de insensatez política extrema, como parece sob os olhos da mídia ocidental? É possível até que haja muita insensatez mas nos faltam elementos confiáveis para bem fundar esta afirmação. Eu acredito tanto na Humanidade que descarto completamente qualquer hipótese de guerra nuclear, mesmo limitada; mas por quê essa encenação toda de graves ameaças de lado a lado?

Bem a Coreia tem uma história recente muito traumática: um país dividido em dois por ocupações militares conflitantes, jogado criminosamente numa devastadora guerra fratricida por essas forças ocupantes. Guardo duas lembranças arrepiantes dessa guerra: a primeira é a da macabra sugestão do general americano (MacArthur) que comandou a guerra contra o Japão e a sua ocupação, de que jogassem duas ou três bombas na Coreia pra acabar logo aquela guerra. Felizmente foi demitido. A segunda é a do esboço de mobilização do Brasil para participar dela; eu fazia na época o CPOR e nos diziam que seríamos integrados na tropa brasileira que seria enviada à Coreia. Felizmente a subserviência do Brasil aos Estados Unidos na época não chegou a este ponto.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 254/2013

A Coréia do Norte, pobre em recursos naturais e terras agricultáveis, isolada politicamente, verdadeiramente acuada, dificilmente teria alternativas à implantação do regime militarista que empreendeu. Pressionada por sanções da ONU instigadas pelo Ocidente, não teria alternativa para se fazer valer perante o mundo, no dizer de Arnaldo Carrilho, o inteligente ex-embaixador brasileiro naquele país, senão a de desenvolver armas nucleares, vistas pelo Ocidente como ameaça grave, merecedora de toda sorte de represálias que Índia, Paquistão e Israel não tiveram, sendo aliados do Ocidente.

A impressão que se tem pelo noticiário é de uma iminente agressão nortecoreana ao Japão, à Coréia do Sul e até à distante América do Norte. Não consigo acreditar nesta iniciativa suicida e tendo a ver, no caso, uma articulação de crise forjada para justificar uma guerra preventiva em sentido contrário. Mas, repito o que disse na abertura, o grau de desconhecimento de nossa parte é tão grande que não dá para arriscar previsões. Nem especular sobre a reação da China, a única aliada da Coréia, no caso de uma agressão ocidental.

Só numa coisa acredito: ninguém vai usar, nunca mais, bomba atômica neste nosso mundo.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br